

76.5.12661

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 141

A planta nociva do prussianismo

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918

A planta nociva do prussianismo

Discurso pronunciado em Milwaukee, Estados Unidos da America, em 13 de janeiro de 1918, por OTTO H. KAHN

I

O discurso que vos dirijo condiz com o espirito e a actualidade da guerra.

Como sabeis, o Presidente Wilson tornou ha pouco a dar á nação e ao mundo uma mensagem nobre e alta de horisonte magnifico — um verdadeiro facho de luz sobre o direito e a justiça para todos os povos.

Com esperança viva todos nós fazemos preces para que o povo alemão reconheça o espirito e a significação daquela eloquente oração e que, despresando a odiosa chefia dos militaristas, se apressarão a aceitar a mão que se lhes estende dum modo tão generoso e desinteressado.

Pode dar-se que neste momento se esteja sentindo na Alemanha os efeitos potenciais desse fermento. Nada sei mais do que vós, nem de-sejo ser optimista exagerado, nutrindo a espe-

rança que uma parte das idéas que vou patentear esteja já em via de se transformar em actos.

Podemos afagar essa esperança: queira Deus que possamos em breve trocar o duro tom de acusação e de odio pelos sentimentos e a linguagem de tratos pacíficos e de novas relações amigáveis, os quais, sob a chefia do Presidente, se procura introduzir entre as nações.

Porém até se alcançar esse fim tão desejado, acautelemo-nos para que não se dê o caso de, por efeito dessa esperança, permitirmos que diminua o nosso esforço ou entorpeça a nossa resolução. Não devemos consentir que nenhuma esperança, que nenhum motivo ou influencia nos distraia por um momento do prosseguimento firme e serio — até ao mais alto grau da nossa capacidade — do nosso proposito solene, que vem delineado nos imponentes discursos do grande interprete dos fitos do povo americano.

Ao tratar das questões que desejo discutir, terei de referir-me á minha pessoa mais talvez do que seja consoante com a devida modestia. A minha desculpa é que, qualquer valor que possam ter as minhas observações aos vossos olhos, esse valor provém principalmente do facto de eu ser alemão por nascimento, que até ao rompimento da guerra estive em contacto íntimo com alemães e negocios alemães, que amava a velha Alemanha e que cheguei ás conclusões que vou apresentar-vos após amargas desilusões e com profunda magua.

Por estes motivos tambem, o que passo a expôr como resultado de conhecimentos pro-

prios, trazendo o cunho pessoal, poderá produzir algum efeito naqueles meus concidadãos do mesmo sangue que ainda não viram claramente a diferença que existe entre a Alemanha que eles conheceram e a Alemanha de 1914, e que, por falta de esclarecimentos e por efeito de dados falsos, ainda não descobriram a senda da justiça e do dever, nem perceberam a verdadeira significação da tragedia sem igual que está enlutando o mundo.

II

O mundo está sofrendo ha mais de tres anos o que nunca até aqui sofreu. No seguimento acusador e lugubre de tristezas e dores infinitas que começaram nesse amaldiçoado dia de julho de 1914, o mal inslingido aos americanos de sangue alemão tem com justiça o seu logar tragico.

O ferro trespassou-nos a alma. Fomos despojados de tesouros inapreciaveis que nos vem dos seculos passados; o que outrora nos enchia de orgulho é hoje assunto de vergonha; somos forçados a olhar como inimigos os entes que são do nosso sangue; até os nossos nomes servem de desafio ao mundo.

Quem nos negará portanto o direito de tomarmos um logar no meio daqueles que mais tem sofrido pelo prussianismo e nos postarmos na frente dos que combatem por palavras e obras para livrar o mundo uma vez para sempre daquela nascida maligna?

Longe de mim a idéa de aumentar o peso da maldição que o mundo vota aos chefes do Impe-

rio alemão e ao povo alemão mal encaminhado. Nem desejo por actos e ditos aparatosos fazer esquecer o meu nascimento.

Orgulhava-me sempre — orgulho-me ainda — da valiosa herança que me pertence por direito de nascimento, e do brilho com que o povo alemão tem contribuído para os tesouros imperecíveis do mundo. Até romper a guerra mantive relações comerciais e pessoais activas com a Alemanha. Contava na lista das minhas relações varios homens salientes da nação alemã. Ha trinta anos servi no exercito. Empenhei-me no desenvolvimento da arte alemã na America.

Não procuro desculpar-me, não me envergonho de ser alemão por nascimento. Envergonho-me — com que amargura e dôr me envergonho! — da Alemanha convicta perante o alto tribunal da opinião publica mundial de ter desejado e planejado esta guerra; convicta dos actos revoltantes praticados na Belgica e no norte da França, do crime nefando do *Lusitania*, das violações inumeras da Convenção de Haia e das leis das nações, de intrigas e tramas abominaveis, perfidos, urdidos em paizes amigos, abusando assim sem pejo da hospitalidade oferecida, de crimes sobre crimes cometidos com um desprezo repugnante das leis divinas e humanas.

Préso as memorias da minha mocidade, porém essas memorias arrancam um grito de dôr e de colera contra os que enxovalharam o terreno espirital da velha Alemanha em que estavam fincadas as suas raizes.

Respeito os nobres ideais e as belas tradições

daquela velha Alemanha e a concepção, vinculada pelos seculos, dum comportamento recto cuja observancia os meus pais e os meus professores inculcaram em mim durante a minha infancia para servirem de guia preciosa no decurso da vida; por isso mesmo mais ardente é o meu ressentimento, mais profunda a minha hostilidade contra aquella classe da Prussia que calcou aos pés esses ideais, essas tradições e essa santa concepção do dever.

Muito antes da guerra veiu-me a convicção que o prussianismo é a mais mortifera de todas as plantas venenosas que jámais vingaram no espirito do homem.

Quando começou a guerra na Europa, quando a Belgica foi invadida, sondei com tristeza e angustia a minha consciencia e o meu entendimento; a voz possante do sangue lutando contra a voz suave o sohia do direito.

Tornou-se para mim clarissimo até ao ponto duma convicção solene e inabalavel que o prussianismo, na sua infatuação louca, tinha cometido o maior dos crimes ultrajando e desafiando a consciencia do mundo e lançando em combate mortal o direito contra a força; que a causa que os Aliados defendiam era a nossa causa porque era a causa da paz, da humanidade, da justiça e da liberdade — sim, da liberdade, apesar da Russia então, sob um governo autocratico, combater nas suas fileiras e apesar dos diplomatas e dos dirigentes das nações fazer daquela causa sagrada a base e a desculpa para a aquisição de territorio, de commercio e de espolio.

Desde então essa convicção tem inspirado os meus actos e as minhas palavras; porém não achava nem proprio nem conveniente declarar em publico as minhas vistas emquanto o nosso paiz permanecia neutral.

Agora a America, a invicta, desembainhou a espada. Era indispensavel que assim fosse para reivindicar os principios basicos e elementares do direito e da paz das nações e não menos para salvaguardar a nossa honra e o nosso bem-estar, para a conservação das nossas instituições e até o unico e supremo dever de todo o americano, sejam quais forem o seu nascimento, as suas simpatias e as suas vistas politicas. O americano de decendencia alemã que, nesta hora de provação, não servir a terra da sua adopção até ao maximo duma dedicação desinteressada e com toda a força de que dispõe, perjurou quando fez o juramento de fidelidade e condena-se como criminoso de traição e de má fé.

Dou graças a Deus ser bem diminuto o numero daqueles cujo patriotismo sofre de tibieza ou cuja lealdade se desmentiu, nem pode influir para privar os americanos alemães por nascimento da sua fama como bons cidadãos e optimos servidores da patria nova na paz como na guerra.

Ha provas abundantes que a maioria, isto é, todos a não ser uma pequenissima minoria, fallaram sinceramente quando juraram á America fidelidade unica e inconcussa e que se hão de mostrar perfeitamente dignos do alto privilegio de serem cidadãos desta grande Republica e da

gencrosa confiança dos seus concidadãos; que não hssitarão, não fraquejarão, qualquer que seja a prova a que forem submetidos.

Não consentiremos que o sangue que nos corre nas veias afogue a nossa consciencia. *Escutaremos acima da voz de roça a voz da honra.*

Servir-nos-hão como distintivo de honra, a injuria e a raiva daqueles que põem outra causa, seja qual fôr, acima da causa da Nação e que pretendem ver na simples profissão duma fidelidade incondicional por parte dos americanos que nasceram estrangeiros, hipocrisia e motivos occultos, só por serem eles incapazes duma lealdade incondicional.

Contudo não basta que nós, americanos de descendencia alemã, façamos o nosso dever para com a patria nova e os nossos concidadãos, por mais completo e desinteressado que seja, se, oprimidos e resignados, a fizermos em silencio. A meu ver temos de falar e falar bem alto. Temos de proclamar a nossa fidelidade inflexivel e a nossa fé profunda na justiça da causa da America.

Por mais sincera que seja a nossa lealdade para com a America, é bem duro termos de accusar o paiz que nos serviu de berço, termos de nos voltar contra os nossos parentes e amigos, ainda que seja profundo o odio com que encaramos os seus actos criminosos, produto da autoridade e do espirito que anima a casta prussiana. Não ha homem de instinctos rectos que não compreenda quão difficil é aos individuos conscienciosos falarem e agirem de modo que possa

acarretar sobre eles a acusação de interesseiros ou de candidatos á popularidade e expôr os seus motivos a uma falsa interpretação.

São honrosos estes escrúpulos que sentem muitos cuja lealdade e devoção patrióticas estão acima de suspeita. Porém, a meu vêr, desaparecem estes escrúpulos debaixo da pressão das actuais circumstancias.

Estou convencido que é nosso dever falar claro, nós os americanos nascidos na Alemanha, porque fomos representados aos nossos concidadãos e ao mundo sob falsas côres por uma minoria insignificante de faladores profissionais e agitadores perniciosos, muitos dos quais nem são alemães de nascença. Compete-nos, até certo ponto, o dever de defender na America, visto não o podermos infelizmente defender lá fóra, o nome alemão.

Esse nome tem sido sempre, e com justiça, tratado com respeito e os que se honraram com ele teem sempre contribuido a sua parte no bem-estar geral, tanto nos trabalhos dos tempos de paz como em todas as crises por que tem passado a historia da Nação. Façamos tudo quanto em nós couber para conservarmos os nossos nomes com honra e respeito no meio dos nossos concidadãos.

Estou convencido que é nosso dever falar claro porque a nossa voz poderá attingir o ouvido e a consciencia do povo alemão — o que nenhuma outra conseguiria fazer —, e porque atingiremos certamente o ouvido dos seus dirigentes. Sei que estes ultimos contavam com os alemães estabe-

lecidos na America para ao menos impedir que se tomasse parte na guerra e, uma vez dado esse passo, contavam com o nosso apoio na propaganda a favor duma paz inconclusa e iniqua.

Estou convencido que é nosso dever falar claro para convencer os nossos concidadãos americanos por nascimento que a nossa concepção fundamental de justiça é a mesma que a deles, que *o mal da Alemanha não está no sangue porém no sistema de governo*, que estamos com eles, que somos parte deles com todo o coração, com toda a singeleza, com todo o desinteresse: se não conseguíssemos inspirar-lhes esta convicção na hora actual de provações em que se debate a nossa patria, seguir-se-hia entre nós a calamidade duma ruptura espiritual — ainda que não fosse material — que levaria muitos anos a sarar.

III

Entre nós haverá provavelmente alguns que não podem acreditar que a Alemanha que conheceram seja culpada dos crimes que a proscreeveram de entre as nações. Perguntarei: conheceis vós a Alemanha moderna? A menos que a visitastes durante estes ultimos vinte e cinco anos periodicamente e não de ora em quando; a menos que pudestes observar o que ia por debaixo daquele exterior brilhante de espantoso progresso material e vistes que a alma da Alemanha se ia corroendo por efeito do veneno virulento da Prussia; a menos que tenhais seguido

e observado a pavorosa transformação na mentalidade e moralidade alemã sob a influencia nefasta e poderosa do sacerdocio do culto do poder, não conheceis a Alemanha de hoje e desta geração.

Não é a Alemanha antiga, a Alemanha das nossas recordações saudosas. Não é a Alemanha que os homens que passam dos 40 anos conheceram na mocidade. Não é a Alemanha do primeiro imperador Guilherme, homem modesto e temente a Deus. Nem mesmo é a Alemanha de Bismarck, o qual, apesar de ter sido homem de sangue e ferro, erigiu uma estructura que, não obstante a liberdade não lhe servir de alicerces. era contudo de molde a viver na historia como um dos mais gloriosos exemplos duma autocracia esclarecida e até benefica; o qual, na sabedoria reflectida e moderada do ultimo quartel da vida, preveniu a nação contra o espirito que infelizmente veio a dominar e contra a guerra que esse espirito devia desencadear.

Essa Alemanha, que é responsavel pelo desastre incalculavel da guerra actual, cujas doutrinas e actos trazem horrorizadas as nações civilizadas do mundo, tomou forma definitiva ha menos de trinta anos. E'-me facil determinar a data e as circumstancias do seu malefico advento.

Não ha trinta anos proclamaram com ostentação as autoridades alemãs um «caminho novo», e esse «caminho novo» ficou sendo a ordem do dia. Verdade é que desse «caminho novo» nasceu e se desenvolveu uma revivificação maravilhosa das energias e da capacidade creadora da

nação, um periodo de sucessos materiais e de progressos sociais: numa palavra, um avanço nacional de que não existe talvez na historia outro exemplo igual. O mundo seguiu esse movimento com admiração acompanhado quiçá por um leve toque de inveja. A Alemanha conquistava o mundo por meio duma penetração pacifica *contra a qual não houve opposição*. Tinha acesso franco a todos os mares e a todas as terras.

Porém desse «caminho novo» tambem nasceu e se desenvolveu um deus novo, deus falso e malefico. Os sacrificios que essa nova divindade requeria nos seus altares eram os ideais tradicionais e respeitados dos nossos avós, além de outros bens de alto preço. Obedeceu-se.

O povo alemão caiu sob uma série de influencias e impulsos novos e funestos, fortemente estimulantes como uma droga de efeitos violentos. Entre outros males vieram o materialismo, a cubiça e a irreligião; uma arrogancia desmedida, um desprezo intolerante pelos direitos dos fracos, uma mania de dominio mundial, um culto do poder que tocava as raias da demencia. Veiu ao mesmo tempo uma desconfiança irracional e arreigada com respeito aos designios das outras nações, pois a perversidade que tinha tomado posse da sua alma, obrigava-os a descobrir a mesma perversidade noutros e essa desconfiança as autoridades alimentavam cuidadosa e sistematicamente.

Finalmente chegou «o dia», ponto culminante inevitavel e fatal do «caminho novo». Veiu a ve-

lha tentação que se tem repetido desde que o homem existe. O demonio tentador levou para o cume dum alto monte os dirigentes prussianos e prussianizados e fez-lhes ver toda a riqueza e todo o poderio do mundo. Fez-lhes ver as grandes nações com as suas capitais transbordando de industria pacifica — Bruxelas, Paris, Londres e New York — e disse-lhes: «Fitai nelas os vossos olhos. Empregai sem mercê a vossa força e todas vos hão de pertencer.» Esses dirigentes, longe de afugentar o tentador com a formula: «Vade retro, Satanaz», responderam: «Conduzi, nós vos seguiremos». E na verdade seguiram-no cobrindo a terra viçosa com as ruinas do inferno.

Com grande regosijo saudaram «o dia». Esse dia devia dar-lhes — como me assegurou um alemão de destaque no mez de agosto de 1914 — «uma guerra jubilosa e a vitoria antes do fim do ano».

IV

A historia não apresenta, na verdade, paralelo que se possa comparar com a intoxicação espiritual e a horrivel transmutação de todo um povo no curto espaço duma geração, efectuadas pelo prussianismo. Só a evidencia dos sentidos me poderia fazer acreditar que um tal fenomeno se pudesse dar.

Cheguei a julgar como resultado da minha observação que o prussianismo já alguns anos antes da guerra tinha atingido o zenit da sua

influencia e que as tendencias liberais começavam a fazer-lhe opposição.

Na Alemanha havia antes da guerra bastantes individuos que reconheciam os perigos inerentes á ambição militarista e ao amor á guerra e que fizeram ouvir as suas advertencias. Havia tambem o voto sempre crescente dos socialistas, apesar do socialismo no Imperio alemão ser bem diferente do que é na Russia ou entre os extremistas do nosso paiz, voto que queria dizer opposição aos metodos dos Junkers e ás tendencias reaccionarias.

Parece mesmo provavel que o desenvolvimento e a propagação desse espirito de liberalismo tivesse influido para obrigar o partido militarista a precipitar a guerra, pois atravez da historia se vê que a autocracia se tem muitas vezes valido da guerra como força que obriga á união, afim de deter, afastar e contrariar o liberalismo e a independencia.

Afim de iludir o povo alemão e fortalecer a sua resolução patriotica para o sacrificio, os dirigentes e diversos orgãos da Prussia affirmaram ao começar a guerra e tem continuado a afirmar com uma reiteração nauseabunda e uma hipocrisia repugnante, que a guerra para eles era uma *guerra defensiva* a que os obrigavam os visinhos perversos e invejosos. Guerra defensiva?!

Passemos rapidamente em revista as circumstancias existentes quando se desencadeou a guerra. Depois duma longa série de atritos entre os dois paizes, que atingiu o seu ponto

culminante com o assassinio do herdeiro do trôno austriaco em terras servias, a Austria enviou o seu ultimatum á Servia. As condições desse ultimatum, apesar de um rigor e exigencia sem igual, foram aceitas na sua quasi totalidade pela Servia.

A Austria deu a escolher entre a aceitação literal, incondicional e absoluta dentro de vinte e quatro horas, e a guerra. Nisto a Russia declarou que se a Servia fosse levada para a guerra ella a apoiaria. Apesar de instigada e impelida, a Austria, á ultima hora, recuou perante a calamidade duma conflagração mundial e declarou-se pronta a entrar em negociações amigaveis com a Russia. Parecia estar esconjurado o terrivel perigo que ameaçava o mundo.

Porém o partido militarista prussiano, vendo á mão o momento oportuno que eles vinham planeando e tramando havia trinta anos, não o quizeram deixar fugir e não se amedrontaram deante da inevitavel tragedia.

Até aqui era a Austria a protagonista da peça: a Alemanha declarava-se impossibilitada de interferir. Porém quando a Austria esteve prestes a recuar, interferiu então a Alemanha, alegando a ameaça da mobilização da Russia (pouca duvida resta que essa mobilização fôra propositadamente provocada por enredos armados em Berlim), e iniciou a guerra por meio dum ultimatum á Russia no proprio dia em que a Austria cedia; esse ultimatum equivalia a uma declaração de guerra. Convém lembrar que, se a mobilização da Russia continha uma ameaça,

era ela infinitamente maior para a Austria do que para a Alemanha e contudo nesse ultimo dia de julho de 1914, declarou-se a Austria disposta a entrar em negociações.

Por experiencia propria alguma coisa sei dos tramas do partido de guerra prussiano; sei que desde perto de trinta anos tinha esse partido diligenciado por varias vezes provocar uma situação que obrigasse á guerra. Sei por conhecimento proprio que tudo estava preparado para esse fim ha perto de sete anos quando se tratava do episodio de Agadir.

Sei que os pan-germanistas estavam resolvidos a estabelecer uma base na America Meridional e uma vez ali estabelecidos teriam ameaçado, e estavam mesmo dispostos a ameaçar, este nosso paiz.

Sei que em 1913 a Austria estava resolvida a conquistar a Servia; disso deu parte á sua aliada a Italia, convencida que o poderia fazer sem estorvo.

Sei que a Austria não julgou que o seu ultimatum á Servia no mez de julho de 1914 seria causa duma guerra tão grave. Sei isto porque na semana seguinte ao romper a guerra vi uma carta que acabava de chegar, enviada por um homem altamente colocado na Austria e relacionado com a Repartição dos Negocios Estrangeiros, na qual escrevendo para New York sob a data de 20 de julho de 1914, dizia:

«Estamos agora atravessando um periodo de séria preocupação por causa da dificuldade que surgiu entre nós e a Servia, porém quando re-

ceberes esta carta tudo já terá serenado. Ha muitos anos que os servios andam tramando contra nós e agora temos de ajustar contas uma vez para sempre. Penetraremos no paiz e occuparemos Belgrado, porém visto termos assegurado á Russia que não tinhamos tenção de nos ingerrirmos permanentemente com a integridade e independencia da Servia e visto que nem a Russia nem os seus aliados estão preparados para a guerra, o caso limitar-se-ha a um passeio militar e não trará consequencias sérias.»

Guerra defensiva! Seria uma guerra defensiva que a Prussia tinha em vista ao recusar a proposta tantas vezes repetida da Inglaterra para que os dois paizes reduzissem a construção de navios de guerra; quando recusou na ultima Conferencia da Haia discutir a restrição de exercito em pé de guerra e de armamentos; quando a Alemanha—a unica entre as grandes potencias—rejeitou o nosso oferecimento dum tratado de arbitragem?

Nietzsche, cuja influencia nestes ultimos trinta anos tem sido suprema no moldar os pensamentos dos alemães, escreveu muitos anos antes da guerra o seguinte:

«Amareis a paz como meio de preparação para novas guerras. Vós dizeis que uma boa causa santifica até a guerra; porém eu vos digo que é uma boa guerra que santifica qualquer causa.»

O bem informado jornal alemão *Vorwaerts* declarou em 29 de julho de 1914, que:

«A camarilha dos chefes de guerra está tra-

balhando por meios absolutamente destituídos de escrupulos para levar a efeito os seus terríveis designios de precipitar na guerra as nações do mundo.»

Em outubro de 1914, tres mezes depois de romper a guerra, escrevia Maximiliano Harden, um dos mais habéis e dos mais influentes publicistas alemães:

«Renunciemos a essas desprezíveis manobras para desculpar a acção da Alemanha ao declarar a guerra. Não é verdade que nos atirámos a esta gigantesca aventura contra a nossa vontade. Não é verdade que a guerra nos foi imposta por outros e de surpresa. Foi a nossa vontade que determinou a guerra. Foi o nosso dever determiná-la. Recusamos de nos apresentar perante o tribunal da Europa unida. Rejeitamos a sua jurisdição. Ha só um principio que tenha valor, mais nenhum — um principio que abraça e resume todos os outros — a *força*.»

Ser-me-hia facil apresentar citações inúmeras do mesmo teor tiradas dos discursos e escritos de homens de letras e educadores alemães ilustrados, pronunciados ou publicados tanto antes como depois da guerra. (No entanto é digno de nota que Maximiliano Harden viu nova luz e que desde algum tempo está falando e escrevendo corajosamente noutro sentido bem diferente. Como ele ha varios homens influentes na Alemanha cujo espirito e sentimentos teem passado por uma transformação. No decurso dos ultimos seis mezes teem-se ouvido naquele paiz declarações francas e destemidas de sentimentos libe-

rais e aspirações independentes tais como ha muitos anos não se tem proferido.)

Guerra defensiva! Existem certos telegramas enviados por Sir Edward Grey ao embaixador britânico em Berlim durante a semana que precedeu o romper de hostilidades na Europa e que ainda não são conhecidos na Alemanha por se ter prohibido a sua publicação. Nestes telegramas o Ministro britânico dos Negocios Estrangeiros chegou quasi, se pode dizer, a deitar-se aos pés da Alemanha para que ella consentisse numa conferencia para evitar a guerra.

Sir Edward Grey chegou aos ultimos limites nas suas promessas de benevolente consideração dos pontos de vista e dos desejos da Alemanha presentes e futuros, e asseverou que qualquer proposta razoavel que a Alemanha apresentasse com o fim sincero de manter a paz, teria o apoio e a autoridade moral da Inglaterra, e que, se a França e a Russia não anuissem, a Inglaterra se desligaria prontamente dessas duas nações. Estes oferecimentos e instancias nenhuma resposta obtiveram da parte dos Senhores da Alemanha. Declararam a guerra.

Haverá alguma verdade na afirmação que os pan-slavistas russos tivessem planeado a guerra para mais cedo ou mais tarde, tal qual como os pan-germanistas. A guerra teria *talvez* rebentado nesta ou noutra occasião sem que os dirigentes prussianos a tivessem precipitado. Porém é inegavel ter sido o Governo Imperial da Alemanha que declarou a guerra. Pelo crime de terem antecipado esse «talvez» e tê-lo resolvido

em conformidade com os seus planos e desejos, por esse primeiro crime e pelos crimes que se lhe seguiram terão de responder os dirigentes responsáveis do povo alemão perante o tribunal de Deus e da historia. Sobre eles recai o crime capital desta horrivel tragedia que se desenrola actualmente no mundo.

V

Li ha poucos dias um poema dedicado á Alemanha do qual se gravaram na minha memoria estas linhas :

Oh terra da actualidade, oh terra dos tempos Idos,
 Saato Deus, que sonhos os sonhos dos homens !
 Escravisada, arrotada pela ambição e pelo odio,
 Onde ficam os feitos que outrora te tornaram grande?

Os feitos que tornaram grande a Alemanha não morreram, nem o mundo deseja que eles morram. Fazem parte dos tesouros imorredouros da raça humana. Saíram infelizmente, porém só por um tempo, da posse do povo alemão cuja herança gloriosa eram.

Estão hoje na posse daquela minoridade — pequena talvez, porém que cresce constantemente — de homens na propria Alemanha de cujos olhos se vão dissipando as nevoas que os cegavam. Estão entregues a todas as nações que apreciam e prezam e estão resolvidas a conservar os feitos grandes e nobres conseguidos pelo mundo civilisado á custa do labor, dos sacrificios e do sofrimento dos melhores dos seus ci-

dadões durante o decurso de muitos seculos. E estão sobretudo entregues aos dez ou quinze milhões de americanos de descendencia alemã.

Assim como se armou em 1848 aquele grande americano alemão por nascimento, Carl Schurz. — e muitos outros alemães valentes e de aspirações nobres, entre os quais me orgulho de poder contar o meu pai — a favor das idéas liberais, a favor da verdade, do direito, da liberdade, assim nós hoje nos armamos. Ao combatermos como americanos leais pela causa da America, combatemos ao mesmo tempo pelo nosso paiz natal para o libertar dos poderes iníquos que o trazem acorrentado e que lhe devoram a alma.

Se jámais houve nação que entrasse em guerra depois de ter usado duma paciencia infinita em face de graves perigos e ameaças e dos insultos mais intoleraveis, impelida por motivos puros e elevados como a aboboda celeste, essa nação é a America.

Não pedimos recompensa material, qualquer que seja. Não ambicionamos «um logar ao sol» — segundo a frase do Chanceler alemão — a não ser ao sol da Liberdade, e isso mesmo não o ambicionamos para nós exclusivamente, porém para todo o mundo.

A America não se lançou numa guerra de vinganças, não obstante os inumeros insultos e as provocações sem fim de que fomos alvo. Atéamos uma fogueira, não para queimar em holocausto, porém para purificar.

A America é incapaz de nutrir o odio con-

tra um povo inteiro, contudo odiamos, combatermos e havemos de combater enquanto houver um resto de força, aquele espirito que tanto poder exerce sobre o povo da Alemanha e que, se devesse vencer — o que Deus não permita! — aniquilaria a liberdade, a justiça e a fé jurada. Na Guerra da Independencia não foi contra o povo da Gran Bretanha que a America combateu, porém contra o espirito que animava a classe governante que então o dominava. A America combateu então a favor dum ideal, para alcançar a liberdade e a independencia, e sacrificou o seu sangue e o seu tesouro, sofreu, resistiu, venceu. Assim vai ser agora.

O espirito do prussianismo não pode existir no mesmo mundo onde existe o espirito que domina na America. Um ou outro tem de succumbir.

No louco orgulho do seu desprezo pela democracia, o prussianismo desafiou-nos. Aceitamos o repto; achamo-nos agora em linha com as outras nações amantes da liberdade, e damos a nossa força fresca, os nossos recursos ilimitados áqueles que, lutando heroicamente, suportaram o pêso duma guerra horrivelmente longa e esgotante, mas que se mantem direitos, resolutos, incansaveis.

A força do inimigo é formidavel. Porém ainda que ele tivesse mais força do que tem, ainda que nós não tivéssemos a gente e os meios de que dispomos, ainda que os nossos camaradas não tivessem provado o seu valor magnifico e indomavel, ainda assim havia de prevalecer a nossa

causa, pois luta ao nosso lado uma força que se tem sempre provado superior a qualquer outra força da terra e que tem sempre triunfado, fosse qual fosse o numero dos inimigos. Essa força, que é inspirada por Deus, que afronta a morte, que é invencível, é a alma da humanidade.

E quando — permita Deus que seja em breve! — quando a alma do povo alemão se tiver libertado das forças sinistras que a detem escravizada, quando tiverem encontrado de novo os altos impulsos e ambições de outrora, quando de novo compreender e falar a linguagem universal da humanidade e do direito, então teremos a paz.